
Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça¹

JOÃO PIMENTA
MARCO CALADO
MANUELA LEITÃO

“Es posible comprender que en términos de área ocupada, *Olisipo* corresponde al mayor poblado orientalizante del territorio actual Portugués, habiendo ocupado, en la protohistoria, una extensión que no es comparable a ninguna otra conocida hasta el momento.” (Arruda, 2002, p. 129)

R E S U M O Embora a descoberta dos primeiros vestígios da ocupação pré-romana da actual cidade de Lisboa remonte aos inícios do século XX, só com o estabelecimento da prática arqueológica em meio urbano este momento foi devidamente confirmado, tendo-se documentado uma forte ligação com o mundo meridional materializada nos vestígios arqueológicos com claras influências orientalizantes. A intervenção de emergência efectuada na Rua de São João da Praça, área situada na encosta oriental do morro do Castelo, permitiu, apesar de todos os condicionamentos inerentes a uma intervenção desta natureza, escavar níveis preservados, de época pré-romana, tendo-se identificado uma estratigrafia contínua desde meados do século III a.C. até à época romana republicana. Entre o conjunto de materiais exumados, destacam-se, pelo seu número, as ânforas, testemunho da importância do porto de *Olisipo* e do seu precoce dinamismo económico logo a partir de meados do século VII a.C.

A B S T R A C T Although the first discoveries of the pre-Roman occupation of the city of Lisbon date back to the beginning of the 20th century, only with the establishment of the urban archaeology activity this moment was clearly confirmed. The emergency excavation of São João da Praça street, in the eastern slope of the castle hill resulted in the discovery of well preserved pre-Roman layers, ranging from the 3rd century BC until Roman republican era. Among the material, a significant number of amphorae were recovered. This fact remains as a clear evidence of the *Olisipo* harbour relevance, namely in terms of economic dynamism since the 7th century BC until the arrival of the first Roman army to the Tagus valley.

1. Introdução

As intervenções arqueológicas desenvolvidas nos últimos anos em diversos pontos da colina do Castelo de São Jorge revelaram uma longa diacronia de ocupação, desde meados do I milénio a.C. até aos nossos dias.

Face à contínua e ininterrupta utilização deste espaço ao longo de cerca de 3000 anos, o estudo do povoado que antecede a cidade romana de *Felicitas Iulia Olisipo* apresenta algumas particularidades que limitam à partida a construção de um discurso coerente sobre a sua evolução. Referimo-nos às complexas potências estratigráficas, à sucessão de edificações que impedem leituras em profundidade e a desaterros e deposições secundárias de sedimentos, entre outras situações.

O presente estudo terá de ser visto à luz destas problemáticas, tendo como objectivo contribuir para um novo conhecimento da real dimensão, importância e dinâmica do povoado pré-romano da colina do Castelo.

1.1. Enquadramento da intervenção

As intervenções arqueológicas de emergência realizadas na rua de São João da Praça decorreram entre 30 de Julho e 4 de Outubro de 2001, na sequência do projecto de substituição e remodelação de esgotos e outros equipamentos urbanos, promovido pela Direcção Municipal de Infra Estruturas e Saneamento/Divisão de Gestão de Redes de Saneamento e fiscalizado pelo antigo Gabinete Técnico Local de Alfama e Colina do Castelo.

A coordenação da intervenção foi assumida pela Divisão de Museus e Palácios da Câmara Municipal de Lisboa, sendo a direcção científica da competência da Dr.^a Manuela Mesquita Leitão e da Dr.^a Cláudia Costa².

A área intervencionada compreendeu a Rua de S. João da Praça até ao Largo de São Rafael e o troço inicial da Rua da Adiça (Fig. 2), espaço histórico-geográfico correspondente a parte dos terrenos contíguos à antiga igreja medieval de São Pedro, bem como à área de implantação da porta de Alfama (ou de São Pedro) inserida na designada Cerca Velha³.



Fig. 1 Enquadramento geográfico de Lisboa.



Fig. 2 Localização da Intervenção da Rua de São João da Praça.

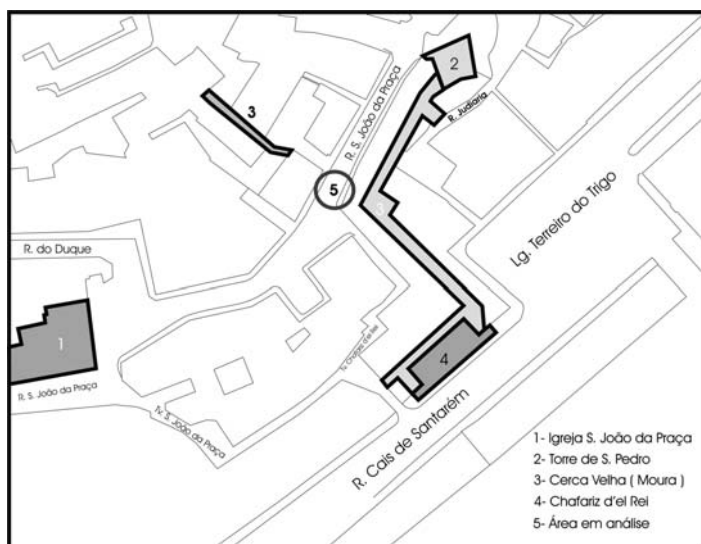


Fig. 3 Localização da sondagem n.º 2.

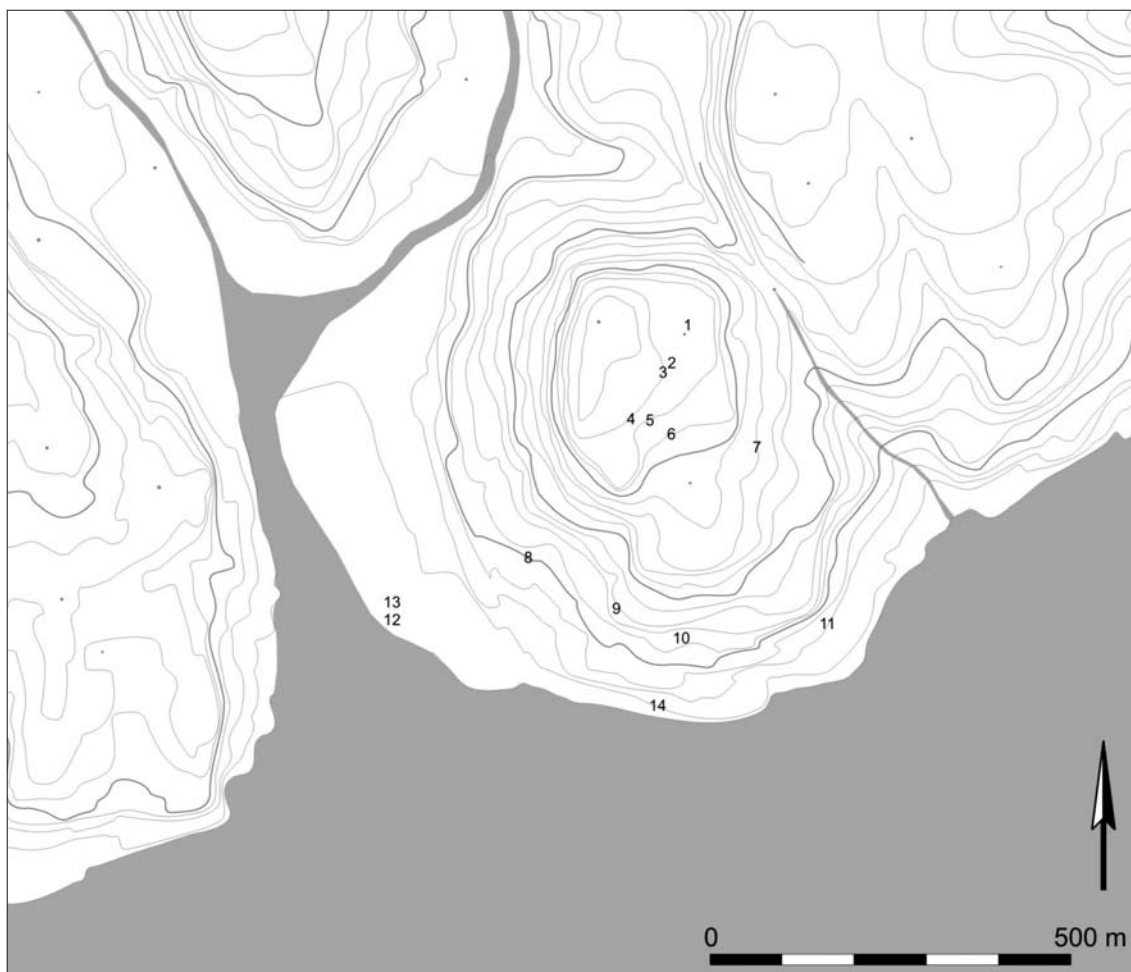


Fig. 4 Planta topográfica da cidade de Lisboa, com a localização das intervenções em que foram detectados níveis pré-romanos e com a reconstituição hipotética da linha de costa. N.ºs 1 a 6 - Castelo de São Jorge (Gomes et al., 2003); N.º - 7, Largo das Portas do Sol; N.º 8 - Termas dos Cássios (Amaro, 1993); N.º - 10, Sé de Lisboa (Amaro, 1993); N.º - 12, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (VV.AA., 1995); N.º - 13, Sondagem n.º 31 da Rua dos Correiros (Fernandes, 1997); N.º 9 - Rua de São Mamede¹²; N.º 11 - Rua de São João da Praça; N.º 14 - Casa dos Bicos (Amaro, 2002).

1.2. O sítio e o seu contexto

A singular implantação da colina do Castelo – junto ao estuário do rio mais extenso da Península Ibérica, área de charneira entre a Europa Atlântica e o mundo mediterrânico, destacada do relevo circundante e bem delimitada por linhas de água aliada a boas condições de defensibilidade – constituiu factor determinante no estabelecimento de um aglomerado habitacional que aglutinou o povoamento circundante.

Baseados na análise do topónimo pré-romano, desde cedo se vislumbrou uma forte ligação ao mundo mediterrânico, procurando-se uma hipotética origem etimológica no mundo fenício. No entanto foi preciso esperar pelas escavações arqueológicas dos anos noventa (Amaro, 1993; Arruda, 2000a), para se clarificar essa ligação com o mundo meridional, demonstrada nos vestígios arqueológicos, onde o espólio apresenta claras influências orientalizantes.

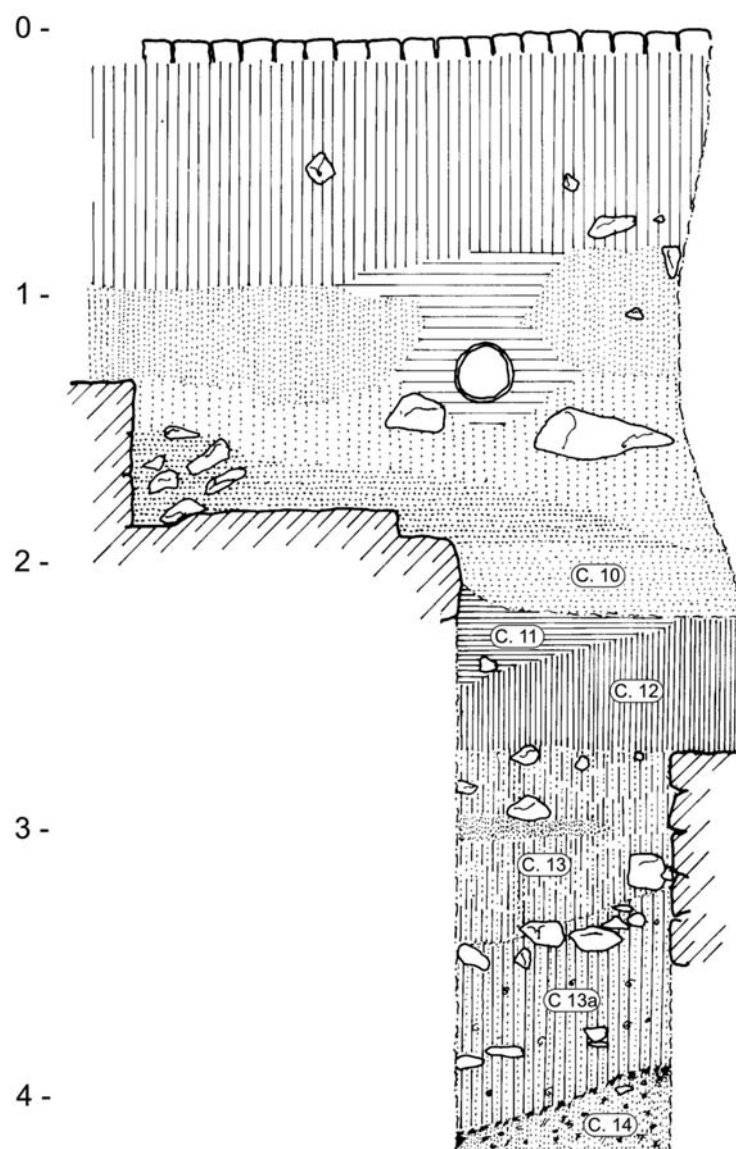


Fig. 5 Perfil sul da Sondagem n.º 2.

Essa ligação com o mundo mediterrânico e o sul peninsular irá marcar durante todo o primeiro milénio antes de Cristo as relações comerciais de *Olisipo*, assistindo-se a uma clara continuidade cultural de cariz “orientalizante” (Arruda, 2000a), não se verificando nenhuma ruptura clara até à chegada dos primeiros exércitos romanos.

Embora os dados ainda sejam escassos e bastante parcelares, a dispersão das intervenções já realizadas assim como a sua sincronia deixam antever uma grande área ocupada (Fig. 4), adaptada às características do terreno acidentado da colina do Castelo (Arruda, 2002; Pimenta, 2004).

A área onde foi efectuada a sondagem em estudo caracteriza-se morfologicamente por uma pequena plataforma, delimitada do lado ribeirinho pela quebra dos afloramentos rochosos ainda hoje visíveis no Largo de São Rafael e na Rua da Judiaria (onde se irá implantar um dos troços da muralha da cidade romana e medieval) e pelos afloramentos que se encontram integrados nas estruturas do Palácio do Marquês de Angeja, como tivemos oportunidade de verificar durante as escavações em curso neste edifício, dirigidas pela Dr.ª Manuela Leitão (aí a quebra corresponde a uma variável entre 5 a 8 m). Esta quebra encontra-se orientada num eixo sudoeste/nordeste, paralela às falhas geológicas secundárias, que permitem, aliás, a exurgências de nascentes, algumas termais, que baptizaram Alfama (al-hama), estendendo-se desde o Chafariz D’el Rei até à Fonte de Penabuquel. A norte, esta plataforma é definida pelas escarpas da Rua do Barão e Rua da Adiça/Rua Norberto de Araújo, que delimitam a plataforma do Limoeiro⁴ (Almeida, 1986).

Todo este conjunto é circunscrito a poente pela bacia da primitiva ribeira (fossilizada no urbanismo da cidade medieval como rua da Regueira) e o ancoradouro natural da praia de Alfama.

Foram estas características — zona abrigada, com abundância de nascentes de água, fontes termais e junto a praia de enseada — que condicionaram a ocupação deste espaço, conferindo-lhe, certamente desde cedo, um cariz artesanal, vocacionado para as actividades marítimas e portuárias.

2. Sequência estratigráfica da Sondagem 2

Apesar de todos os problemas inerentes a uma escavação de emergência em meio urbano numa das ruas mais movimentadas do bairro histórico de Alfama, o desenrolar desta intervenção permitiu identificar e escavar contextos preservados associados a estruturas positivas.

O quadro de indagações que conduziu à abertura da sondagem n.º 2 visava obter uma leitura da estratigrafia interna ao troço de muralha romano descoberto durante a abertura das valas de renovação do sistema de esgotos desta artéria.



Fig. 6 Vista geral da área da intervenção.



Fig. 7 Vista geral em que se pode observar o troço de muralha colocado a descoberto e o arranque de uma torre semicircular.



Fig. 8 Pormenor da escavação da Sondagem n.º 2.

Apesar da exiguidade da área escavada, foi possível efectuar o registo de uma ampla diacronia de ocupação, desde meados do século III a.C. até ao século XX, que se materializa numa enorme potência estratigráfica de mais de 4 m, não tendo sido possível atingir os níveis de base, por questões de segurança. Sob o alicerce da muralha romana, foi possível identificar quatro unidades estratigráficas correspondentes a três momentos distintos de ocupação.

2.1. Camada 14

Depósito de matriz homogénea, arenosa, coloração castanho clara, grão fino e médio, com fauna malacológica

Corresponde ao primeiro momento de ocupação que podemos definir para este espaço, tendo sido exumado um espólio cerâmico bastante significativo, que nos permite tirar algumas ilações.

Embora as condicionantes acima referidas não permitam esclarecer de uma forma definitiva a sua cronologia, a ausência de importações itálicas, a presença de ânforas do Tipo 4.2.2.5. de Ramon Torres (1995), assim como as características das cerâmicas cinzentas e comuns, levam-nos a propor uma datação de meados do século III a.C.

Entre o espólio, destacam-se quantitativamente os fragmentos de grandes contentores bojudos de armazenamento, com paralelos em contextos do século III/II a.C. no povoado do Castelo, Arruda dos Vinhos (Gonçalves, 1997), Quinta da Torre, Almada (Cardoso e Carreira, 1997-1998), Santarém (Arruda, 2000a) e Chibanes (Silva e Soares, 1997). A concentração destes recipientes numa área tão restrita sugere a proximidade de contextos de armazenamento.

2.2. Camada 13A

Depósito de matriz sedimentar semelhante à anterior, mas com maior concentração de fauna malacológica

Corresponde a uma camada de regularização para a construção das estruturas pétreas que definimos como ambiente 1. Esta unidade estratigráfica era particularmente rica em fauna malacológica e mamalógica.

Entre o espólio cerâmico adquirem particular relevo as cerâmicas cinzentas finas, que apresentam claras continuidades a nível do repertório cerâmico atestado para épocas anteriores (Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000). Entre estas, surgem diversos fragmentos de recipientes fechados, com uma decoração característica em retícula brunida (Fig. 9). Embora não tenha sido possível a reconstituição de nenhum exemplar, a análise dos diversos fragmentos recolhidos permite identificar estas peças como jarros de bordo trilobado com uma asa maciça de secção circular partindo do lábio.

Peças com decorações similares foram identificadas em Lisboa em contextos republicanos, no Castelo de São Jorge e na Sé de Lisboa. Encontram-se igualmente bem representados no vale do Tejo, na Alcáçova de Santarém (Arruda, 2002), no povoado do Castelo, Arruda dos Vinhos (Gonçalves, 1997), nos níveis inferiores da *villa* romana de Freiria (Cardoso e Encarnação, 2000, p. 744), na Quinta da Torre, Almada (Cardoso e Carreira, 1997-1998) e no Baixo Sado no povoado de Chibanes, Palmela (Silva e Soares, 1997) e no Pedrão, Setúbal (Soares e Silva, 1973).

Embora normalmente estas peças surjam já a par das primeiras importações itálicas, a ausência dessas típicas importações neste depósito, deixam em aberto a questão da cronologia, que colocamos como hipótese de trabalho nos finais do século III a.C. ou na primeira metade do século II a.C.

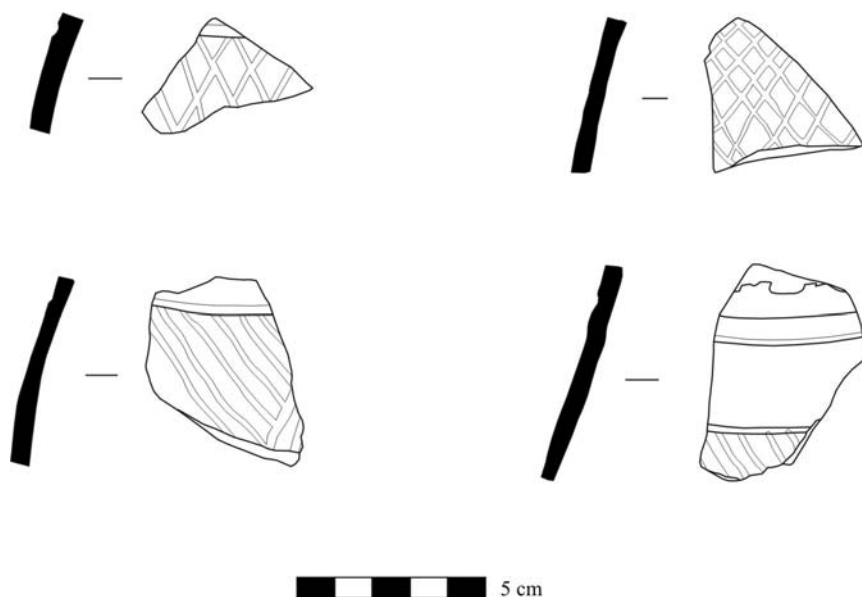


Fig. 9 Cerâmicas cinzentas finas, com decoração em retícula brunida.

2.3. Ambiente 1

Corresponde ao segundo momento de ocupação deste espaço. Este ambiente é caracterizado por dois muros paralelos em pedra calcária, de média dimensão, com ligante em argila, que adossam em ângulo recto a um bloco de grandes dimensões de calcário, delimitando uma área cuja funcionalidade não é clara.

Sobre estes muros erguiam-se paredes em adobe, tendo sido possível detectar fragmentos de argila cozida de revestimento, similares aos já identificados em outras intervenções no casco antigo de Lisboa, Núcleo arqueológico da Rua dos Correiros (Bugalhão, 2001) e Castelo de São Jorge.

2.4. Camada 13

Depósito de matriz homogénea, areno-argiloso, medianamente compacto, grão fino, coloração esverdeada, mais escura que c.11. Com carvões e fauna malacológica e mamalógica

Esta camada corresponde à fase de ocupação/abandono do ambiente 1, encontrando-se este contexto bem datado por importações itálicas, nomeadamente ânforas vinárias itálicas do Tipo Dressel 1 e cerâmica de verniz negro campaniense do círculo da A, o que nos permite estabelecer uma cronologia de meados da segunda metade do século II a.C. Esta fase é compatível com os primeiros momentos de contacto com o mundo romano no Vale do Tejo e contemporânea dos contextos identificados na antiga alcáçova de Lisboa.

2.5. Camada 12

Depósito de matriz homogénea, arenoso, solto, grão fino, coloração castanho-escura

Identificamos esta camada como o terceiro momento de ocupação. Trata-se de uma unidade estratigráfica de grande espessura, que interpretamos como um nível de regularização deste espaço, colmatando os vestígios do “edifício” que designámos como ambiente 1. Não deixa de ser interessante sublinhar que o alinhamento da muralha romana que se lhe sobrepõe corresponde a uma clara descontinuidade no espaço urbano, seguindo um traçado diferente.

A análise do espólio recolhido permite detectar a deposição secundária de sedimentos pré-existentes, que se materializa na coexistência de materiais de cronologia pré-romana, bastante homogéneos e remetendo para uma cronologia antiga⁶, com abundantes fragmentos de ânforas vinárias itálicas do tipo Dressel 1 e cerâmica campaniense do círculo da B (fundo tipo 133 de Morel (1981) – Fig. 10, n.º 2).

A análise do espólio anfórico, assim como o de verniz negro, leva-nos a propor uma cronologia tardo-república, possivelmente de finais do século II ou da primeira metade do século I a.C.

Nesta camada, foi identificado um fragmento de cerâmica ática (Fig. 10, n.º 1). Ainda que de reduzida dimensão, este reveste-se de um inusitado interesse, por se tratar, tanto quanto sabemos, do primeiro fragmento de cerâmica grega de figuras vermelhas identificado no subsolo da cidade de *Olisipo*, vindo contribuir para o estudo da difusão e comercialização destas cerâmicas no extremo Ocidente peninsular (Arruda, 1997)⁷. Trata-se de um fragmento de fundo, possivelmente de uma *kylix* de figuras vermelhas, embora, devido ao seu estado de conservação, não seja possível vislumbrar o motivo nem identificar o pintor.

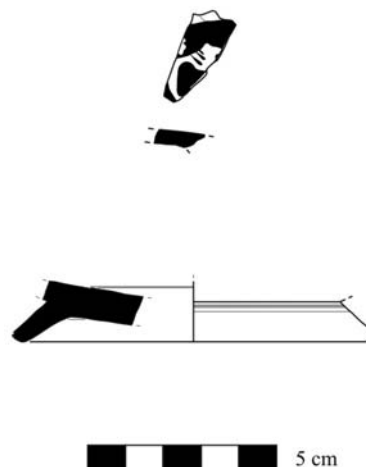


Fig. 10 Fragmento de cerâmica ática e fundo de campaniense.

3. As ânforas

Entre os materiais identificados, destacam-se, pelo seu número e estado de conservação, as ânforas, que nos permitem reconstituir e identificar diversos tipos morfológicos e ensaiar uma primeira análise para a dinâmica comercial do povoado da colina do Castelo, num momento crucial de transição com os primeiros contactos com o mundo itálico.

3.1. Tipo 10.1.2.1.

Ramon Torres (1995) engloba sob esta denominação um dos primeiros contentores destinados a comercializar produtos alimentares, difundidos em larga escala no Ocidente peninsular. Este tipo resulta da evolução e diversificação do T. 10.1.1.1. a partir de meados do século VII a.C., estando a sua produção atestada em diversos centros fenícios do Sul de Espanha e, possivelmente, do Norte de África.

A análise da dispersão destas ânforas permite detectar uma ampla expansão comercial que abrange o Mediterrâneo central até ao Atlântico, onde se encontra bem documentado, desde Mogador até Conímbriga. No actual território português, encontra-se atestado nas suas diversas variantes praticamente em todas as estações pré-romanas em que as influências orientalizantes se fizeram sentir (Arruda, 2002a).

Os exemplares que identificámos foram todos exumados em contexto de deposição secundária na camada 12, correspondendo a quatro fragmentos de bordo. A análise macroscópica das pastas possibilita a identificação de diferentes grupos de fabrico que poderão corresponder a diferentes proveniências. A sua comparação com os grupos definidos por Ramon Torres (1995, p. 256-261), permite-nos como hipótese de trabalho identificar, ainda que com cautelas, o exemplar n.º 1 como pertencente ao grupo “Málaga”⁸, os exemplares n.ºs 2 e 3 como do grupo “Extremo Ocidente Indeterminado” e o exemplar n.º 4 como do Grupo “Baía de Cádiz”.

Catálogo

1. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 10.1.2.1. Lábio espessado, de secção amendoada, encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 13 cm. Pasta homogénea e compacta. A cor é castanho-clara (Mun. 10 YR 5/2). Apresenta escassos elementos não plásticos, de pequena dimensão, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída, grãos carbonatados e alguns vacúolos alongados. A superfície possui uma aguada de tom bege (Mun. 10 YR 7/3). S.J.P. 1063. Camada 12. Fig. 11, n.º 1.

2. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 10.1.2.1. Lábio espessado, de secção amendoada, encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 15,4 cm. Pasta compacta, de fractura irregular. A cor é castanha-avermelhada (Mun. 2,5 YR 5/8). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída, grãos carbonatados, algumas moscovites e raras calcites. A superfície encontra-se alisada, do tom da pasta. S.J.P. 785. Camada 12. Fig. 11, n.º 2.

3. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 10.1.2.1. Lábio vertical, espessado externamente, de secção amendoada. Diâmetro externo de 15,4 cm. A pasta apresenta características iguais à anterior. A cor é castanha-avermelhada (Mun. 2,5 YR 5/8). A superfície possui uma aguada de tom bege (Mun. 7,5 YR 8/4). S.J.P. 1460. Camada 12. Fig. 11, n.º 3.

4. Fragmento de bordo, do Tipo 10.1.2.1. Lábio espessado, de secção amendoada. Diâmetro externo de 20,5 cm. Pasta homogénea e compacta. A cor é castanho-clara (Mun. 7,5 YR 7/4) com núcleo de tom castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 7/4). Apresenta alguns elementos não plásticos de pequena dimensão, bem distribuídos, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída, grãos carbonatados e raras calcites. A superfície externa e interna possui uma pintura espessa e aderente, paralela ao lábio, de tom castanho-escuro (Mun. 7,5 YR 4/4). S.J.P. 647. Camada 12. Fig. 11, n.º 4.

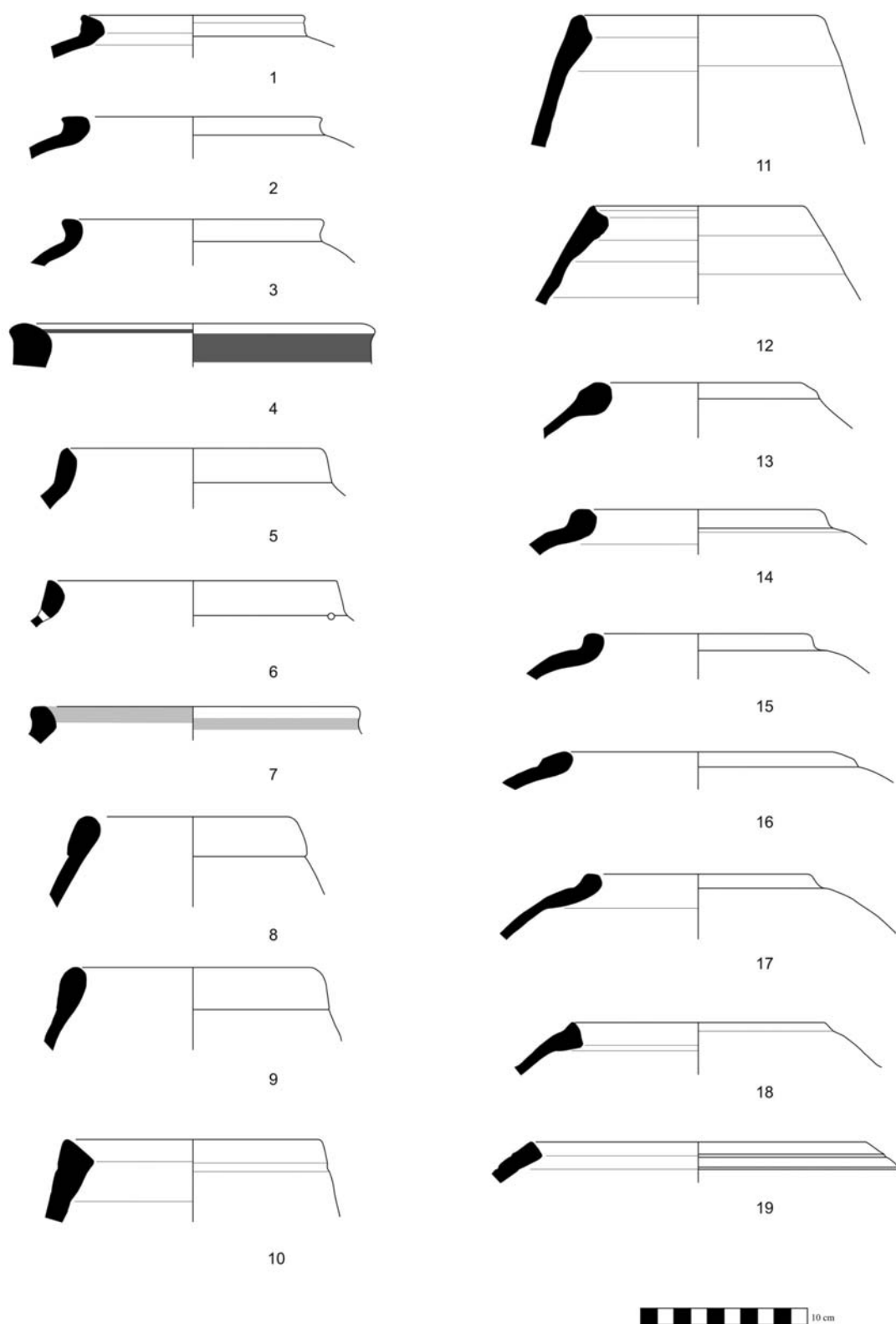


Fig. 11 Ânforas do T. 10.1.2.1.(n.ºs 1-4); T. 1.3.2.4. (n.ºs 5-7); T. 12.1.1.1. (n.ºs 8-9); Subgr. 12.1.1.0. (n.ºs 10-12) e T. 4.2.2.5. (n.ºs 13-19).

3.2. Tipo 1.3.2.4.

Embora o estado de conservação dos exemplares exumados não permita uma classificação categórica, identificámos três fragmentos de bocal, que atribuímos a este tipo, definido por Ramon Torres (1995). Trata-se de um contentor de grande capacidade, típico do século V a.C., cuja produção se encontra documentada no Sul peninsular, na “área de Villaricos” (Ramon Torres, 1995). Este modelo de ânfora encontra-se bem atestado na cidade de Lisboa, nas escavações do Claustro da Igreja de Santa Maria Maior, onde surge em níveis de meados do século V a.C. (Arruda, 2002, p. 125, fig. 76).

Apesar dos dados disponíveis sobre a comercialização de ânforas em época pré-romana no território actualmente português sejam bastante escassos, é possível, ainda que com algumas reservas, identificar contentores que se enquadram neste tipo, na estação dos Moinhos da Atalaia (Pinto e Parreira, 1978, Fig. 3), no Povoado de Santa Eufémia (Marques, 1982-1983, fig. 17), na Alcáçova de Santarém (Arruda, 2002, p. 208, fig. 142) e nos Chões de Alpompe (Diogo, 1993, Est. 1).

Os três exemplares de São João da Praça foram todos exumados em contexto de deposição secundária, nas camadas 8, 10 e 12. A análise macroscópica das pastas permite caracterizar um único grupo de fabrico, que identificámos hipoteticamente como produções do “Grupo Villaricos”, definido por Ramon Torres (1995, p. 256-261).

Um dos fragmentos de bordo (Fig. 11, n.º 6) apresenta um orifício transversal na base do lábio, que interpretamos como uma tentativa de restauro da ânfora em período antigo, o que deixa supor a sua reutilização como contentor de armazenamento.

Catálogo

1. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 1.3.2.4. Lábio vertical, boleado internamente. Diâmetro externo de 17 cm. Pasta compacta e sonora. A cor é castanha-avermelhada (Mun. 5 YR 5/8). Apresenta escassos elementos não plásticos, de pequena dimensão, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída, calcite branca e grãos carbonatados. As superfícies encontram-se alisadas, do tom da pasta. S.J.P. 435. Camada 10. Fig. 11, n.º 5.

2. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 1.3.2.4. Lábio espessado, de secção amendoada, encontrando-se destacado do corpo por uma canelura e apresentando uma perfuração circular de cerca 0,4 mm no arranque do bojo. Diâmetro externo de 15 cm. A pasta apresenta características iguais à anterior. A cor é castanha-avermelhada (Mun. 5 YR 6/4). As superfícies encontram-se alisadas, do tom da pasta. S.J.P. 1461. Fig. 11, n.º 6.

3. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 1.3.2.4. Lábio espessado, de secção amendoada. Diâmetro externo de 18 cm. A pasta apresenta características iguais à anterior. A cor é castanha-avermelhada (Mun. 5 YR 6/4). As superfícies encontram-se alisadas, do tom da pasta, evidenciando interna e externamente uma banda pintada de tom castanho-avermelhado, paralela ao bordo (Mun. 2.5 YR 5/8). S.J.P. 1462. Camada 12. Fig. 11, n.º 7.

3.3. Tipo 12. 1.1.1. (*Mañá-Pascual A4*)

Segundo Ramon Torres (1995, p. 237-238), este tipo é uma evolução dos tipos do Grupo 11.2.0.0. fabricados nos mesmos centros produtores que, desde meados do século V a.C., produzem as ânforas da “família” das *Mañá-Pascual A4* na área fenícia púnica da costa andaluza e marroquina. A sua produção encontra-se documentada arqueologicamente na área de Cádiz, Torre Alta e Pery Junquera, San Fernando, (Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1988; González Toraya et al., 2000) e no Norte de África, em Kuass (Ponsich, 1968; López Pardo, 1990).

As ânforas desta forma parecem ter uma longa duração, estando documentadas em diversas estações desde meados do século IV a.C. até um momento indeterminado do século II a.C., embora possam ter perdurado até ao século I a.C. (Ramon Torres, 1995), tendo em conta a estratigrafia do Cerro Macareno (Pellicer et al., 1983) e os dados do Castelo de Castro Marim (Arruda, 2000b, 2001).

A análise dos dados estratigráficos do Castelo de São Jorge permite datar o início da circulação deste Tipo em meados do século III a.C., sobrevivendo pelo menos até finais do século II a.C., sendo um dos poucos contentores de tipologia ibero-púnica que continuam a ser comercializados a par das ânforas itálicas (Pimenta, 2004).

No território actualmente português, formas similares surgem representadas na estratigrafia de Castro Marim (Arruda, 2000b, 2001), encontrando-se presentes nas Mesas do Castelinho (Fabião, 1998a), na foz do rio Arade (Diogo, Cardoso e Reiner, 2000), no Cerro da Rocha Branca (Silves), (Gomes, 1993), na Ilha do Pessegueiro (Silva e Soares, 1993), na Quinta da Torre, Almada (Cardoso e Carreira, 1997-1998) e na Alcáçova de Santarém (Arruda, 2002).

Os exemplares de *Mañá-Pascual A4* que podemos identificar como pertencentes ao Tipo 12.1.1.1. de Ramon Torres (1995) correspondem a dois contentores (Fig. 11, n.ºs 8 e 9), que surgem infelizmente descontextualizados, não nos possibilitando estabelecer uma cronologia mais precisa para a sua comercialização.

Paralelamente a estes fragmentos de produção possivelmente gaditana identificámos três fragmentos de classificação mais problemática, que atribuímos ao Subgrupo 12. 1.1.0. (Fig. 11, n.ºs 10-12), não nos sendo possível precisar o Tipo a que pertenceriam na tipologia de Ramon Torres (1995). Trata-se de exemplares evoluídos do Tipo acima descrito que se encontram bem documentados nas escavações do Castelo de São Jorge, em níveis bem datados do terceiro quartel do século II a.C. (Pimenta, 2004). Os exemplares que aqui apresentamos foram exumados em níveis romanos republicanos, na camada 12, e em níveis de deposição secundária, na camada 10.

A análise macroscópica dos exemplares identificados permitiu, tal como no Castelo, reconhecer e caracterizar um único grupo de fabrico (Grupo 1, Pimenta, 2004, p. 84-85), que é comum ao Tipo 4.2.2.5. A homogeneidade detectada nas pastas destes contentores, a confrontação das suas características com as típicas pastas da região de Lisboa a par da existência de fragmentos com vestígios de terem sido sujeito a altas temperaturas, conduziram a propor uma proveniência local ou regional para as ânforas destes tipos.

Catálogo

1. Fragmento de bordo e colo de ânfora do Tipo 12.1.1.1. Lábio espessado externamente, de secção ovalada, sendo a separação entre o lábio e o arranque do corpo marcada por uma depressão bem evidenciada. Apresenta um diâmetro externo de 11 cm. Pasta compacta e

sonora. A cor é amarelo-avermelhado (Mun. 5 YR 6/8). Apresenta numerosos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída e grãos carbonatados. Possui uma aguada de tom bege-amarelado (Mun. 5 YR 6/4). S.J.P. 1463. Fig. 11, n.º 8.

2. Fragmento de bordo e colo de ânfora do Tipo 12.1.1.1. Lábio espessado externamente, de secção ovalada, sendo a separação entre o lábio e o arranque do corpo marcada por uma depressão bem evidenciada. Apresenta um diâmetro externo de 14 cm. A pasta possui características iguais à anterior. A cor é amarelo-avermelhado (Mun. 2.5 YR 6/8). As superfícies encontram-se alisadas, do tom da pasta. S.J.P. 1464. Fig. 11, n.º 9.

3. Fragmento de bordo e colo do Subgrupo 12. 1.1.0. Lábio espessado internamente, apresentando um diâmetro externo de 15 cm. Colo troncocónico marcado por uma canelura, que individualiza a zona do bordo. Pasta grupo 1. Caracteriza-se por uma pasta compacta. Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída, grãos carbonatados, algumas moscovites, raras calcites assim como pequenos fragmentos de fauna malacológica. A cor é castanho-claro (Mun. 7,5 YR 6/4). A superfície apresenta-se alisada (Mun. 7,5 YR 7/3). S.J.P. 1383. Camada 10. Fig. 11, n.º 10.

4. Fragmento de bordo e colo do Subgrupo 12. 1.1.0. Lábio espessado internamente, apresentando um diâmetro externo de 14 cm. Colo troncocónico marcado uma canelura, que individualiza a zona do bordo. Pasta grupo 1. Amarelo-avermelhado (Mun. 5 YR 6/8). A superfície apresenta uma aguada de tom vermelho-claro (Mun. 2.5 YR 5/6). S.J.P. 1465. Camada 8. Fig. 11, n.º 11.

5. Fragmento de bordo e colo do Subgrupo 12. 1.1.0. Lábio espessado internamente, apresentando um diâmetro externo de 12.5 cm. Colo troncocónico marcado por duas caneluras, que individualizam a zona do bordo. Pasta grupo 1. Amarelo-avermelhado (Mun. 5 YR 6/8). A superfície apresenta-se alisada, do tom da pasta. S.J.P. 1034. Camada 12. Fig. 11, n.º 12.

3.4. Tipo 4.2.2.5. (Pellicer D)

Este Tipo corresponde a um modelo de ânfora considerada a forma mais típica do mundo turdetano (Belén, 2002, p. 20) correspondente à forma D de Pellicer (1978), ao tipo XI de Florido (1984) e à forma C1 de Muñoz (1985). Ramon Torres (1995, p. 194), embora ciente do grau de incerteza da filiação destas ânforas no mundo fenício-púnico, enquadra-as no seu Tipo 4.2.2.5.

A cronologia destas ânforas é bastante lata, estendendo-se desde meados do século IV a finais do século I a.C., tendo em conta os dados de Castro Marim e do Cerro da Rocha Branca, no Algarve, onde surgem formas evolucionadas destes contentores, a par de importações itálicas e béticas, em contextos já claramente romanos (Arruda, 2001).

No território actualmente português, estas ânforas encontram-se presentes em Castro Marim (Arruda, 2001), no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993) e no vale do Tejo, na Quinta da Torre,

Almada (Cardoso e Carreira, 1997/98), em Santarém (Arruda, 2001), nos Chões de Alpompe (Diogo, 1993) e em Lisboa.

Os dados da estratigrafia do Castelo de São Jorge, onde este tipo se encontra bem representado, permitem datar o início da sua comercialização em meados do século IV a.C. perdurando pelo menos até finais do século II a.C. Constituindo juntamente com as ânforas do Subgrupo 12. 1.1.0. uma continuidade de relações comerciais (Pimenta, 2004). Os dados de São João da Praça vem confirmar esta leitura, sendo este Tipo a ânfora melhor representada, encontrando-se presente desde a camada 14 e continuando a circular até época republicana, surgindo já na camada 13 e 12 a par das primeiras importações Itálicas.

Tal como afirmámos para o Subgrupo 12. 1.1.0., a análise macroscópica das pastas dos fragmentos deste tipo revelou um único grupo de fabrico (Grupo 1). A análise das suas características permitiu verificar o seu não-enquadramento nas típicas produções da área meridional da Península Ibérica, levando a propor, como hipótese de trabalho, uma proveniência local ou regional para as ânforas destes dois tipos (Arruda, 2002, p. 211; Pimenta, 2004, p. 85). Esta hipótese parece consolidar-se com a comparação, que podemos efectuar, com fragmentos da forma em análise de outras estações da mesma época no vale do Tejo, tendo a mesma permitido verificar uma homogeneidade pelo menos aparente no fabrico nesta forma (Arruda, no prelo)⁹.

Catálogo

1. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 4.2.2.5. Lábio espessado, de secção arredondada, encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 12,4 cm. Pasta grupo 1. Castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 5/4). A superfície apresenta-se alisada (Mun. 5 YR 6/4). S.J.P. 1466. Camada 13. Fig. 11, n.º 13.
2. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 4.2.2.5. Lábio espessado, de secção arredondada, encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 14 cm. Pasta grupo 1. Castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 5/4). A superfície apresenta-se alisada (Mun. 5 YR 6/2). S.J.P. 1467. Camada 14. Fig. 11, n.º 14.
3. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 4.2.2.5. Lábio espessado, de secção arredondada, encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 13 cm. Pasta grupo 1. Castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 5/4). A superfície apresenta-se alisada (Mun. 5 YR 6/4). S.J.P. 1468. Camada 13a. Fig. 11, n.º 15.
4. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 4.2.2.5. Lábio espessado, de secção arredondada, encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 15 cm. Pasta grupo 1. Castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 5/4). A superfície apresenta-se alisada (Mun. 5 YR 6/4). S.J.P. 1203. Camada 13a. Fig. 11, n.º 16.
5. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 4.2.2.5. Lábio espessado de secção arredondada encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 13,3 cm. Pasta grupo 1. Castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 5/4). A superfície apresenta-se alisada (Mun. 5 YR 6/4). S.J.P. 1469. Camada 13a. Fig. 11, n.º 17.

6. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 4.2.2.5. Lábio espessado internamente, de secção amendoada, encontrando-se destacado do corpo por uma canelura. Diâmetro externo de 16 cm. Pasta grupo 1. Castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 5/8). A superfície apresenta-se alisada (Mun. 2.5 YR 6/4). S.J.P. 1182. Camada 13a. Fig. 11, n.º 18.

7. Fragmento de bordo, com início de bojo, de ânfora do Tipo 4.2.2.5. O lábio mais não é do que a continuidade da parede, encontrando-se destacado do corpo por duas caneluras. Diâmetro externo de 20 cm. Pasta grupo 1. Castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 5/8). A superfície apresenta-se alisada (Mun. 2.5 YR 5/2). S.J.P. 490. Camada 10. Fig. 11, n.º 19.

3.5. Ânforas de difícil classificação

Alguns exemplares identificados apresentam alguns problemas de atribuição tipológica, não sendo claro a sua classificação. Correspondem a fragmentos de asas e um fundo de ânforas de claras influências “punicizantes” apresentando à excepção de um exemplar o mesmo tipo de fabrico dos exemplares do Tipo 4.2.2.5. e Subgrupo 12. 1.1.0. acima descritos (Grupo 1), embora não seja clara a sua atribuição a qualquer um destes tipos.

Catálogo

1. Fragmento de asa de secção circular. Pasta grupo 1. Castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 6/4). A superfície apresenta-se alisada (Mun. 2.5 YR 6/3). S.J.P. 1184. Camada 13a. Fig. 12, n.º 25.

2. Fragmento de asa de secção circular. Pasta grupo 1. Castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 6/4). A superfície apresenta-se alisada (Mun. 5 YR 6/2). S.J.P. 1183. Camada 13a. Fig. 12, n.º 26.

3. Fragmento de bojo com arranque de asa, de secção circular. Apresenta uma profunda depressão longitudinal. Pasta grupo 1. Castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 5/6). A superfície apresenta-se alisada (Mun. 2.5 YR 6/3). S.J.P. 1470. Camada 14. Fig. 12, n.º 27.

4. Fragmento de asa de secção circular. Pasta grupo 1. Castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 6/8). A superfície apresenta uma aguada de tom castanho-avermelhado (Mun. 2.5 YR 5/2). S.J.P. 1471. Camada 14. Fig. 12, n.º 28.

5. Fragmento de asa de secção circular. Pasta homogénea e compacta. A cor é castanho clara (Mun. 7.5 YR 5/3). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída e grãos carbonatados. A superfície apresenta uma aguada de tom bege (Mun. 7.5 YR 6/3). S.J.P. 1472. Camada 13. Fig. 12, n.º 29.

6. Fragmento de fundo troncocónico, oco, terminando numa base arredondada. Pasta grupo 1. Castanho-avermelhado (Mun. 5 YR 5/6). A superfície apresenta-se apenas alisada. Camada 14. Fig. 12, n.º 30.

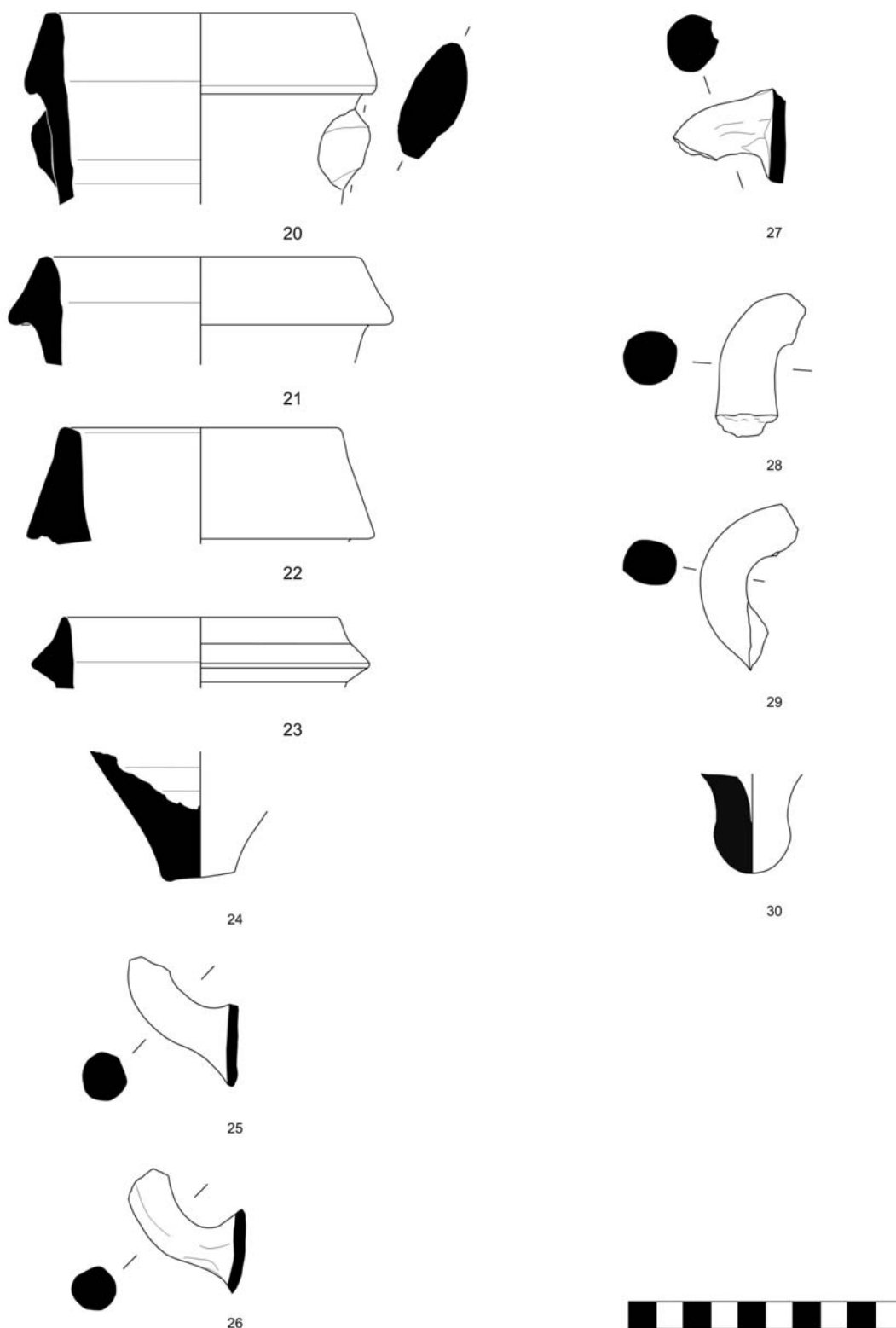


Fig. 12 Ânforas Dressel 1 itálicas (n.ºs 20-24 e ânforas de difícil classificação (n.ºs 25-30).

3.6. Dressel 1 itálicas

As típicas ânforas destinadas à exportação do vinho produzido nas grandes *villae* republicanas da zona da Etrúria, Campânia e Lácio (Tchernia, 1986) encontram-se bem documentadas na cidade de Lisboa (Pimenta 2003, 2004)¹⁰. Estes modelos correspondem a uma das formas mais bem conhecidas e difundidas do mundo romano, encontrando-se a sua difusão normalmente conotada com os avanços militares itálicos.

Na cidade de Lisboa, o início da sua importação encontra-se bem datado, no terceiro quartel do século II a.C., sendo a sua cronologia compatível com a primeira grande campanha militar romana no Extremo Ocidente da Península Ibérica desencadeada em 138 a. C. pelo novo governador da Ulterior, o procônsul Décimo Júnio Bruto.

Muito embora o início desta importação se inscreva no processo de conquista, não dispomos, por enquanto, de contextos bem datados do século I a.C. que permitam vislumbrar o padrão de comercialização do vinho itálico ao longo do período tardo-republicano.

Os dados estratigráficos de São João da Praça confirmam os contextos do estudo das ânforas do Castelo de São Jorge, encontrando-se o início da importação das ânforas Dressel 1 atestado no nível de abandono do ambiente 1 (Camada 13) surgindo associado a Campaniense do círculo da A (embora não seja possível identificar a forma) e a fragmentos de bojo de contentores da área de Cádiz, possivelmente do Tipo 9.1.1.1. (CCNN)¹¹. A sua presença está igualmente bem atestada nas camadas 12, 11 e 8, confirmando a continuidade da sua importação até meados do século I a.C.

A análise macroscópica das pastas permitiu reconhecer e caracterizar grupos distintos de fabrico que poderão corresponder a diferentes proveniências. Por uma questão de coerência seguiremos os grupos de fabrico já definidos para as ânforas itálicas a propósito do estudo das ânforas do Castelo de São Jorge (Pimenta, 2004).

Catálogo

1. Fragmento de bordo e colo de ânfora Dressel 1 itálica, com arranque de asa. O lábio é oblíquo, de secção triangular, apresentando um diâmetro externo de 16,9 cm. Colo cilíndrico com arranque de asa, de secção ovóide. Índice altura do bordo, espessura máxima, 2,08. Pasta grupo 3. Amarelo-avermelhado (Mun. 2,5 YR 5/8). Evidencia uma aguada de tom bege-amarelado (Mun. 2,5 YR 5/8). S.J.P. 1061. Camada 12. Fig. 12, n.º 20.

2. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora Dressel 1 itálica. O lábio é oblíquo, de secção triangular, apresentando um diâmetro externo de 17 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,35. Pasta grupo 3. Amarelo-avermelhado (Mun. 5 YR 4/4). Evidencia uma aguada de tom bege-amarelado (Mun. 10 YR 7/3). S.J.P. 648. Camada 11. Fig. 12, n.º 21.

3. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora Dressel 1 itálica. O lábio é oblíquo, de secção triangular, apresentando um diâmetro externo de 15 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,96. Pasta grupo 3. Amarelo-avermelhado (Mun. 5 YR 4/4). Evidencia uma aguada de tom bege-amarelado (Mun. 10 YR 7/3). S.J.P. 772. Camada 12. Fig. 12, n.º 22.

4. Fragmento de bordo, com início do colo de ânfora Dressel 1 itálica. O lábio é oblíquo, de secção triangular, apresentando um diâmetro externo de 15 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,37. Pasta grupo 3. Amarelo-avermelhado (Mun. 5 YR 4/4). Evidencia uma aguada de tom bege-amarelado (Mun. 10 YR 7/3). S.J.P. 61. Camada 12. Fig. 12, n.º 23.
5. Fragmento de ombro com arranque de bojo de ânfora Dressel 1 itálica (?). Ombro bem marcado separado do bojo ovóide por uma profunda carena. Pasta grupo 4. Amarelo-avermelhado (Mun. 2,5 YR 6/8). Evidencia uma aguada de tom bege (Mun. 7,5 YR 8/4). S.J.P. 1473. Camada 13.
6. Fundo de ânfora Dressel 1 itálica. Fundo cónico, maciço. Pasta grupo 5. Castanho-claro (Mun. 7,5 YR 6/6). A superfície apresenta-se alisada (Mun. 7,5 YR 6/4). S.J.P. 1474. Camada 13. Fig. 12, n.º 24.

Considerações finais

Os novos dados que as intervenções na colina do Castelo têm revelado, assim como a sondagem aqui em estudo permitem começar a antever a real dimensão do povoado pré-romano e a sua importância no contexto da fachada atlântica.

Ainda que os dados disponíveis não permitam esclarecer qual o tipo de ocupação dado a este sector do *oppidum*, a sua implantação junto ao rio perto de um ancoradouro natural com abundantes nascentes, poderão corroborar a hipótese de estarmos perante uma área de cariz portuário, onde os armazéns e as actividades industriais deviam pautar o enquadramento urbano. Efectivamente, a concentração de contentores de armazenamento na camada 14 assim como a abundância de ânforas em todas as unidades estratigráficas poderá sustentar esta interpretação.

Por outro lado o estudo do material anfórico permite atestar um precoce dinamismo económico do porto de *Olisipo*, desde meados do século VII a.C., como se pode verificar pelas importações dos primeiros contentores do Tipo 10.1.2.1. até à chegada dos primeiros exércitos romanos ao vale do Tejo bem documentados pela presença de cerâmicas campanienses e ânforas vinárias do tipo Dressel 1.

A presença de contextos republicanos reforça também os dados da “Acrópole” (Pimenta, 2004), permitindo sublinhar esta fase da vida do povoado e do seu profundo impacto no subsequente desenvolvimento urbano.

Por último, a importância dos dados agora apresentados sugerem a hipótese da produção local ou regional de contentores ibero-púnicos do Tipo 4.2.2.5. (Pellicer D) e Subgrupo 12. 1.1.0. (Mañá-Pascual A4) desde a época pré-romana até inícios do século I a.C. Não obstante, esta questão só poderá ser confirmada ou infirmada com a realização de estudos arqueométricos.

NOTAS

- ¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada publicamente no IV Congresso de Arqueologia Peninsular, realizado em Faro entre 14 a 19 de Setembro de 2004.
- ² Estes trabalhos contaram também com a participação pontual dos Arqueólogos, Nuno Mota, Rodrigo Banha da Silva e Vasco Leitão Santos. Os registos gráficos foram elaborados pelo Técnico Fernando Gonçalves, contratado para o efeito. Mais tarde, face à detecção de contextos funerários localizados na Rua da Adiça e Largo de S. Rafael, área de abrangência da antiga Igreja de S. Pedro, prestou também uma colaboração especial a Doutora Cidália Duarte do Instituto Português de Arqueologia. Tendo em conta a extensão destes contextos, a direcção científica dos trabalhos antropológicos passou a ser assegurada pela Antropóloga Célia Lopes da Empresa BioAnthropos,
- ³ Para uma análise mais exaustiva da ocupação deste espaço desde a época Medieval ver a obra de Vieira da Silva, 1987, p. 162-166.
- ⁴ Hoje completamente urbanizadas, mas perceptíveis através de uma consulta às plantas de Filipe Folque de meados do século XIX.
- ⁵ Escavação dirigida pelo Dr. Rodrigo Banha da Silva, a quem devemos a amabilidade da informação.
- ⁶ Devendo corresponder à primeira fase do povoado, evidenciando contactos com o mundo meridional que se materializam no seu espólio de cariz orientalizante. Alguns fragmentos de pratos e um “queima perfumes” revestidos com verniz vermelho bem aderente e acetinado, ânforas do Tipo 10.1.2.1. e alguns fragmentos de grandes recipientes de armazenagem, “pythoi” decorados com bandas bícromas vermelhas e negras e policromas vermelhas negras e brancas.
- ⁷ Recorde-se que até ao momento a única peça de cerâmica Grega publicada de Lisboa, corresponde a um fragmento de taça ática de verniz negro da intervenção da rua dos Correiros, possivelmente do grupo das *Vicup* (Arruda, 1997b, p. 86).
- ⁸ No estudo que dedicou às ânforas pré-romanas identificadas no Claustro da Sé de Lisboa a Professora Ana Arruda (2002a, p. 124) identificou um exemplar do Tipo 10.1.1.1. de Ramon Torres (1995) pertencente, embora com as devidas cautelas, ao grupo “Málaga”.
- ⁹ Não podemos deixar de agradecer a amabilidade da Professora Doutora Ana Margarida Arruda, pela sua disponibilidade em comparar os exemplares deste tipos que identificou na Alcáçova de Santarém com os de Lisboa.
- ¹⁰ Encontra-se publicado um bordo de greco-italica, dois bordos e um fundo de Dressel 1 exumados em níveis de aterro no Teatro Romano (Diogo, 2000; Diogo e Trindade, 1999), uma ânfora Dressel 1 de pasta “Campaniense” da Casa dos Bicos (Amaro, 2002), um fragmento de fundo de Dressel 1 do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (Bugalhão e Sabrosa, 1995) e mais de duas centenas de ânforas provenientes do Castelo de São Jorge (Pimenta, 2004).
- ¹¹ Ainda que carecendo de contexto primário, identificou-se um fragmento de bocal de uma ânfora do Tipo 9.1.1.1. na escavação da Sondagem 1.
- ¹² Escavação dirigida pelo Dr. Rodrigo Banha da Silva, a quem devemos a amabilidade da informação.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. (1986) - *Carta geológica do concelho de Lisboa. 1/10.000. Folha 4. 56*. Lisboa.
- AMARO, C. (1993) - Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa. In *Estudos Orientais IV, Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 183-192.
- AMARO, C. (2002) - Percurso arqueológico através da Casa dos Bicos. In *De Olisipo a Lisboa. A Casa dos Bicos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, p. 11-27.
- ARRUDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da Expansão Fenícia para a fachada atlântica Peninsular. In *Estudos Orientais IV. Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 193-214.
- ARRUDA, A. M. (1994) - A península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: Capital Europeia da Cultura 94, p. 52-57.
- ARRUDA, A. M. (1997) - *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim*. Lisboa: Colibri.
- ARRUDA, A. M. (2000a) - *Fenícios e mundo indígena no Centro e Sul de Portugal (Séculos VIII e VI a.C.)*. Em *torno das histórias possíveis*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.
- ARRUDA, A. M. (2000b) - As cerâmicas de importação do castelo de Castro Marim no âmbito do comércio ocidental dos séculos V a III a.C. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Universidad, p. 727-735.
- ARRUDA, A. M. (2001) - Importações “púnicas” no Algarve: cronologia e significado. In *Actas do Colóquio Internacional. Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 69-98.
- ARRUDA, A. M. (2002) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- ARRUDA, A. M. (2003) - Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim: balanço e perspectivas. In *Actas do 1.º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves: Câmara Municipal, p. 69-88.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T.; VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 25-59.

- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P.; PEREIRA, R. (no prelo) - A importação de preparados de peixe no Castelo de Castro Marim: Da Idade do Ferro à Época Romana. *Simpósio Internacional. Produção e comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica*. Homenagem a Françoise Mayet. Setúbal, 7 a 9 de Maio de 2004.
- BARROS, L.; CARDOSO, J. L.; SABROSA, A. (1993) - Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz, Almada. In *Estudos Orientais IV, Os Fenícios no território português*. Lisboa: Universidade Nova, p. 143-182.
- BARROS, L.; HENRIQUES, F. (2002) - A última fase de ocupação do Almaraz. In *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Almada 20-23 de Fevereiro de 1997*. Almada: Câmara Municipal, p. 97-107.
- BELÉN, M. (2002) - Ânforas prerromanas en Turdetania. *Revista de Estudios Ibéricos*. Madrid. 5, p. 15-51.
- BENOIT, F. (1957) - Typologie et Épigraphie amphoriques: Les marques de SESTIUS. *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. 23, p. 247-285.
- BUGALHÃO, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva da peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CARDOSO, G.; ENCARNAÇÃO, J. (2000) - Notas sobre a ocupação proto-histórica na villa romana de Freiria. In *Actas do Congresso de Proto-História Europeia. Revista de Guimarães. Volume Especial*. Guimarães. 2, p. 741-756.
- CARDOSO, J. L. (1990) - A presença oriental no povoamento da Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. In *Estudos Orientais I*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 119-134.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1997-1998) - A ocupação de época púnica da Quinta da Torre (Almada). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 189-217.
- CORREIA, V. H. (1993) - Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no baixo vale do Mondego. In *Estudos Orientais IV. Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 229-283.
- DIOGO, A. M. D. (1993) - Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpompe (Santarém). In *Estudos Orientais IV, Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 215-227.
- FABIÃO, C. (1989) - *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Argamil)*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- FABIÃO, C. (2002) - Mundo indígena, romanos e sociedade provincial romana: sobre a percepção arqueológica da mudança. *Era Arqueologia*. Lisboa. 3, p. 108-131.
- FOLQUE, F. (s. d.) - *Atlas da carta topográfica de Lisboa. Folha 44*. Lisboa: Câmara Municipal.
- FRUTOS REYES, G.; MUÑOZ VICENTE, A. (1994) - Hornos púnicos de Torre Alta (San Fernando, Cádiz). In *Actas del Encuentro Internacional de Arqueología del Suroeste. Arqueología en el Entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad, p. 393-414.
- FRUTOS, G.; CHIC, G.; BERRIATUA, N. (1988) - Las ánforas de la factoría prerromana de salazones de "Las Redes" (Puerto de Santa María, Cádiz). In *Actas do 1.º Congresso Peninsular de História Antiga*. Vol. 1. Santiago de Compostela: Universidade, p. 295-306.
- GARCÍA VARGAS, E. (1998) - *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (Siglos II A.C., IV D.C.)*. Écija: Gráficas Sol.
- GARCÍA VARGAS, E. (2000) - La producción de ánforas "romanas" en el sur de Hispania. República y alto Imperio. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 1. Écija: Gráficas Sol, p. 57-174.
- GATEAU, F. (1990) - Amphores importées durant le Ie IIe s. av. J.C. dans trois habitats de Provence occidentale: Entremont, le Baou-Roux, Saint-Blaise. *Documents d'Archéologie Méridionale*. Lattes. 13, p. 163-183.
- GOMES, A.; GASPAS, A.; PIMENTA, J.; GUERRA, S.; MENDES, H.; RIBEIRO, S.; VALONGO, A.; PINTO, P. (2003) - Castelo de São Jorge, balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Património Estudos*. Lisboa. 4, p. 214-223.
- GONÇALVES, J. L. M. (1997) - O sítio arqueológico do Castelo (Arruda dos Vinhos) - Escavações de 1988 a 1993. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital*. Lisboa. 3, p. 5-52.
- GONZÁLEZ TORAYA, B.; TORRES QUIRÓS, J.; LAGÓSTENA BARRIOS, L.; PRIETO REINA, O. (2000) - Los inicios de la producción anfórica en la bahía Gaditana en época Republicana: la intervención de urgencia en Avda. Pery Junquera (San Fernando, Cádiz). In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 1. Écija: Gráficas Sol, p. 175-185.
- LAMBOGLIA, N. (1955) - Sulla cronologia delle anfore romane di età repubblicana (II-I Secolo A. C.). *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. 22, p. 241-270.
- LÓPEZ CASTRO, J. L. (1994) - *Hispania Poena. Los Fenícios en la Hispania romana*. Barcelona. Crítica.
- MARQUES, G. (1982-1983) - Aspectos da Proto-História do território português. II, Povoado de Santa Eufémia (Sintra). *Sintria*. Sintra. 1-2:1, p. 59-87.
- MAYET, F.; SILVA, C.T. (1997) - *L'établissement phénicien d'Abul (Alcácer do Sal)*. In *Itinéraires lusitaniens*. Paris: De Boccard, p. 255-273.
- MOREL, J.-P. (1981) - *Céramiques campaniennes. Les formes*. Roma: Ecole Française de Rome.
- MUÑOZ VICENTE, A.; FRUTOS REYES, G. (2004) - El comercio de las salazones en época fenicio-púnica en la Bahía de Cádiz. Estado actual de las investigaciones: Los registros arqueológicos. In *Las industrias alfareras y conserveras fenicio-púnicas de la Bahía de Cádiz. XVI Encuentros de Historia y Arqueología. Ayuntamiento de San Fernando*. Córdoba: Cajasur, p. 131-167.

- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, A. M. (1997) - Ânforas turdetanas, mediterráneas y púnicas del S. III del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz). In *XXIV Congreso Nacional de Arqueología*. Cartagena, p. 133-140.
- NIVEAU DE VILLEDARY, A.; RUIZ MATA, D. (2000) - El poblado de las Cumbres (Castillo de Doña Blanca): urbanismo y materiales del s. III a. C. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Universidad, p. 893-903.
- PELLICER, M.; ESCACENA CARRASCO, J. L.; BENDALA GALÁN, M. (1983) - *El Cerro Macareno*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- PERDIGONES MORENO, L.; MUÑOZ VICENTE, A. (1988) - Excavaciones arqueológicas de urgencia en los hornos púnicos de Torre Alta. San Fernando, Cádiz. *Anuario Arqueológico de Andalucía*. Sevilla. 3. p. 106-112.
- PIMENTA, J. (2003) - Contribuição para o estudo das ânforas do Castelo de São Jorge (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 341-362.
- PIMENTA, J. (2004) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.
- PINTO, C. V.; PARREIRA, R. (1978) - Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 1, p. 145-163.
- RAMON TORRES, J. (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona: Universidad.
- RAMON TORRES, J. (2004) - La producción anfórica gaditana en época fenicio-púnica. In *Las industrias alfareras y conserveras fenicio-púnicas de la Bahía de Cádiz. XVI Encuentros de Historia y Arqueología*. Córdoba: Cajasur, p. 63-100.
- RUIZ MATA, D.; NIVEAU DE VILLEDARY, A. M. (1997) - La zona industrial de las Cumbres y la cerámica del s. III A.N.E. (Castillo de Doña Blanca- El Puerto de Santa María, Cádiz). In *XXIV Congreso Nacional de Arqueología*. Cartagena, p. 125-131.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1997) - Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. In *Estudos Orientais VI. Homenagem ao Professor António Augusto Tavares*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 33-66.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de M.; DIAS, L. F.; SOARES, A. (1980-81) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- SILVA, V. (1987) - *A cerca Moura de Lisboa. Estudo histórico descritivo*. Lisboa: Câmara Municipal.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1973) - Ocupação do período Proto-Romano do Pedrão (Setúbal). In *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 1, p. 245-305.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1973) - Ocupação do período Proto-Romano do Pedrão (Setúbal). In *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 1, p. 245-305.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1979) - A cerâmica pré-romana de Mirobriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 159-184.
- VV.AA. (1995) - *Núcleo arqueológico da Rua dos Correiros*. Lisboa. Fundação Banco Comercial Português.